

ORAÇÕES CAUSAIS COM *PORQUE*: FORMA, FUNÇÃO E DIACRONIA¹

*Fabício da Silva Amorim**

RESUMO

Este artigo aborda, sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, as construções causais do tipo *p porque q* e *porque q, p*. Descrevem-se, diacronicamente, os usos semântico-pragmáticos e o estatuto sintático dessas construções, tendo em vista o pareamento de forma e função.

PALAVRAS-CHAVE: orações; *porque*; diacronia.

Recebido em: 11 jun. 2017

Aprovado em: 20 set. 2017

Este artigo analisa, diacronicamente, as construções oracionais do tipo *p porque q* e *porque q, p*, tendo em vista os seguintes objetivos: i) discutir a trajetória de gramaticalização do conector *porque*; ii) mapear as nuances de causalidade mobilizadas pelas orações introduzidas por esse conector e iii) descrever o estatuto sintático dessas orações em correlação com os seus usos semântico-pragmáticos.

Nesta investigação, seguem-se os pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), uma vez que as análises em-

¹ Este artigo apresenta parte dos resultados da pesquisa de doutorado intitulada “Gramaticalização de conectores causais na história do português”, que, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UNESP/São José do Rio Preto, contou com a orientação da Profa. Dra. Sanderléia Roberta Longhin (que está isenta de quaisquer falhas que aqui persistirem) e com o auxílio financeiro da CAPES no Brasil e no exterior (PDSE/Processo 99999.000660/2015-09).

* Professor de Língua Portuguesa do Instituto Federal da Bahia (IFBA/Valença); Doutor em Estudos Linguísticos pela UNESP/São José do Rio Preto.

preendidas consideram, com base em dados linguísticos empíricos, aspectos que, identificáveis acima do nível sentencial, operam, na língua em uso, como forças cognitivas e pragmáticas subjacentes aos atos comunicativos (BYBEE, 2010, p. 32; MARTELOTTA, 2011, p. 54-5).

Estudos da conexão causal, no português e em outras línguas, ora focam a expressão da causalidade, apresentando classificações dicotômicas (causal/explicação) ou escalares para as relações causais (relações que se dão em diferentes domínios cognitivos), ora tratam do estatuto sintático das orações de causa, também a partir de uma dicotomia (coordenação/subordinação) ou de uma perspectiva de *continuum* (parataxe/hipotaxe/subordinação).

No presente artigo, abordam-se tanto a *forma*, representada pela dimensão sintática, quanto a *função*, definida pelos usos semântico-pragmáticos, das orações causais com *porque*. Conforme se evidenciará adiante, o *pareamento* de forma e função revela-se fundamental para compreender fenômenos de mudança no domínio da junção causal.

A análise linguística centrada no uso

O funcionalismo, considerado genericamente, tem como principal objetivo o estudo da língua em uso, isto é, o desenvolvimento de investigações que, ultrapassando os limites da forma linguística, recrutam elementos e fatores do contexto da interação verbal. Nessa perspectiva, a *função* do sistema deve ter prioridade sobre a sua *forma*, de modo que o componente pragmático da linguagem assuma um papel central no estudo da língua, premissa baseada no reconhecimento de que, no discurso, estão as principais motivações capazes de interferir nos demais componentes (o semântico, o sintático e o fonológico).

Embora a primazia da função represente o princípio fundamental do funcionalismo, não se deve compreendê-lo como uma abordagem que goza de homogeneidade teórico-metodológica; daí haver, na realidade, *funcionalismos*. Desse modo, as análises e interpretações aqui apresentadas filiam-se à chamada Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante LFCU), um tipo de funcionalismo que investiga a dinâmica dos fenômenos de variação e mudança linguística como efeito de processos pragmáticos e cognitivos (BYBEE,

2010, p. 32). Martelotta (2011) caracteriza essa vertente a partir da conjugação de aspectos funcionalistas clássicos e de pressupostos teóricos característicos da interface *língua/cognição*, destacando que, nessa perspectiva, “são levados em conta, na análise das línguas, aspectos relacionados a restrições cognitivas que incluem a captação de dados da experiência, sua compreensão e seu armazenamento na memória, assim como aspectos associados à capacidade de organização, acesso, conexão, utilização e transmissão adequada desses dados” (MARTELOTTA, 2011, p. 55).

Dessa maneira, neste trabalho, considera-se, por exemplo, que a relação icônica *causa-efeito*, verificada no mundo, é cognitivamente apreendida pelo falante, permitindo, por analogia ou contiguidade, a sua operacionalização, a fim de que ela seja codificada pela língua sob diferentes construções – *p porque q, porque q, p; p então q, p por causa de q* etc. Essa codificação deriva de conceptualizações mais ou menos icônicas, expressando relações causais mais ligadas ao mundo ou à percepção/avaliação do falante. Por conseguinte, o elo causal, como construções linguísticas, pode assumir padrões formais e funcionais bastante variáveis, atestando, dessa forma, a premissa de que *a estrutura linguística emerge do uso*, sob efeito de processos pragmáticos e cognitivos (BY-BEE, 2010, p. 35).

Os estudos de gramaticalização, em geral desenvolvidos a partir do pressuposto de que mudanças na gramática também se explicam por fatores cognitivos e pragmáticos, têm figurado no rol da LFCU. Esse tipo específico de mudança linguística é definido como o processo por meio do qual “itens lexicais e construções sintáticas, em determinados contextos, passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais” (MARTELOTTA, 2011, p. 92).

No presente trabalho, as funções pragmáticas, responsáveis por organizar o discurso em níveis mais elevados e intersubjetivos, são tratadas dentro do escopo da gramática, assumindo, assim, a *pragmatização* como um estágio de gramaticalização (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 100; TRAUGOTT, 1995, p. 45):

[léxico] > [gramática > (pragmática)]

O termo *gramaticalização* pode se referir, ainda, a um conjunto de princípios e critérios de natureza teórico-metodológica, que se apresenta como um *guia* para os estudos sobre formas em gramaticalização. Nesse sentido, pode-se afirmar que a investigação ora apresentada se pauta, também, pela (teoria da) gramaticalização, para descrever, por exemplo, a trajetória de emergência do conector *porque* no português.

A linguística da causalidade

Nos estudos linguísticos, é possível discutir a causalidade sob enfoques que vão do rigor lógico à fluidez do discurso (NEVES; BRAGA, 2016; MEYER, 2000; PAIVA, 1991). Numa perspectiva lógico-semântica, o elo causal se constitui de um *evento-causa* e um *evento-consequência* ou *evento-efeito*. Assim concebida, a causalidade pressupõe uma sequência temporal (regular) entre eventos, de modo que, do primeiro, seja possível prever o segundo (NEVES; BRAGA, 2016, p. 132).

Nessa concepção, a causalidade é definida em termos de preenchimento de uma condição, em que A deve representar uma condição suficiente e necessária para a ocorrência de B. Nesse caso, segundo Lopes (2004, p.18), tem-se uma *causa lógica*, que apresenta, implicitamente, um raciocínio silogístico, como em

(1) Isto é um triângulo porque tem três lados.

que admite o seguinte raciocínio: um triângulo tem três lados; essa figura tem três lados; logo é um triângulo. No entanto, causas lógicas desse tipo têm baixa frequência, na língua em uso, uma vez que a representação linguística da causalidade assume padrões semânticos e estruturais bastante fluidos, que fogem, em sua maioria, do rigor de um raciocínio silogístico.

Com isso, observa-se que a abordagem estritamente lógico-semântica é inadequada para a descrição das construções causais (MEYER, 2000; BRAGA; PAIVA, 2011; NEVES; BRAGA, 2016). Meyer (2000), por exemplo, mostra que a causalidade pode ser explicada por condições suficientes, mas não necessárias, que desencadeiam a causa de um evento. Por exemplo, em

(2) Lucas caiu porque o chão estava molhado.

entende-se que, considerando o mundo observável, o fato de “o chão estar molhado” (A) não representa uma condição necessária para “a queda de Lucas” (B): caminhar sobre uma superfície molhada nem sempre provoca queda. Além disso, a queda pode ter sido provocada por fatores outros que podem escapar à observação imediata do enunciador, já que, ainda que o chão estivesse molhado, Lucas poderia ter caído porque estava tonto ou porque o seu sapato era escorregadio, o que torna possível, portanto, questionar até mesmo a suficiência da condição. Lopes (2004, p. 15-18) discute exemplos semelhantes para, além de atestar os problemas de uma abordagem estritamente semântica, mostrar que, na grande maioria das construções de causalidade, o enunciador seleciona uma causa entre muitas possíveis. Dessa maneira, mesmo que a relação causal se estabeleça entre fatos comprováveis no mundo real, sempre subjaz a ela certo grau de *subjetividade*³(LOPES, 2004; BRAGA; PAIVA, 2011):

Excepto em casos raros em que um facto só tem uma causa possível, quando se estabelece uma relação de causa, há sempre uma escolha por parte do locutor no sentido de que ele selecciona o facto que, de entre todos os que podem estar na origem do facto causado, constituindo alternativas ou cadeias causais, considera mais pertinente numa determinada situação de comunicação. Nessa medida, a relação de causa implica quase sempre uma inferência do locutor (LOPES, 2004, p. 22).

Em muitos casos, a operacionalização realizada pelo enunciador na expressão de causalidade vai além da escolha de uma causa observável no mundo real, o que lhe permite estabelecer elos causais a partir de proposições mentais ou de atos de fala. O exemplo (3) é bastante ilustrativo:

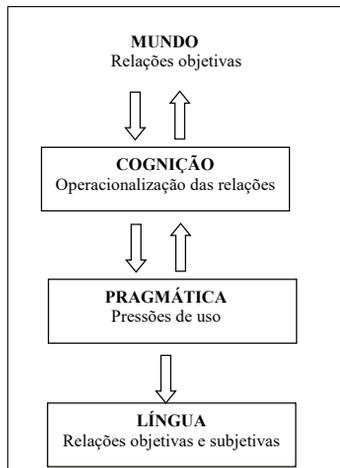
³ A subjetividade na língua se manifesta quando “certas expressões só designam seu referente 1. *em relação a*, e sobretudo 2. *no interior da* instância de discurso em que são empregadas.”(DUCROT, 1977, p. 81 – grifos do autor)

(3) Lucas caiu, porque está com os joelhos feridos.

A relação causal que se estabelece acima não encontra respaldo no mundo exterior: estar com os joelhos feridos não provoca uma queda.⁴ Nesse caso, a queda de Lucas é um *fato possível*, trazido à tona por meio de um raciocínio inferencial: Lucas está com os joelhos feridos, logo caiu. Como fato possível, o enunciado causal admite uma paráfrase com um verbo modalizador – “Lucas *deve* ter caído” –, evidenciando o seu caráter epistêmico (PANDER MAAT; SANDERS, 2000; LOPES, 2012).

Para uma descrição linguística adequada das construções causais, é imprescindível que se ultrapassem os limites da sentença, privilegiando modelos de análise que incorporem *o componente cognitivo e o componente pragmático* (Cf. SWEETSER, 1990). Assim, tendo em vista o pressuposto funcionalista de que a língua sofre pressões do uso, adaptando-se *em e para* o discurso, a figura a seguir exhibe, esquematicamente, o processamento da noção de causalidade:

Figura 1. Relações causais: do mundo para língua



⁴ Seria possível imaginar que a gravidade dos ferimentos nos joelhos de Lucas afetou o movimento de suas pernas, fazendo-o cair. Essa interpretação, no entanto, exigiria um contexto bastante específico.

Dessa maneira, exercendo pressão sobre a codificação linguística, a pragmática, paralelamente à cognição, representa um “filtro” no processamento das relações de causa. Além da retroalimentação entre o mundo e a cognição, observa-se um movimento de mão dupla entre a cognição e a pragmática, ilustrando a interdependência entre usos linguísticos e processos cognitivos.

Com base nessas considerações, a noção de causalidade é aqui descrita como uma relação de sentido fluida, cujas nuances se manifestam num *continuum* de crescente subjetivização (Sweetser, 1990, p. 76-86):

[causa referencial] > [causa epistêmica] > [causa conversacional] > [causa discursiva]

A descrição e a operacionalização dessas noções são apresentadas mais adiante, na seção que trata da seleção dos critérios para a análise semântico-pragmática dos dados deste trabalho.

O *corpus* e os dados

O *corpus* desta investigação é constituído de textos escritos, que datam do século XIII ao XX, e de amostras de fala do século XXI, material que se organiza em quatro sincronias: português arcaico (séculos XIII ao XV); português moderno (séculos XVI e XVII); português contemporâneo I – enunciação escrita (séculos XVIII ao XX); português contemporâneo II – enunciação falada (século XXI).⁵

A seleção desses textos segue, basicamente, dois critérios, com vistas à obtenção de um *corpus* simétrico do ponto de vista qualitativo e quantitativo. O primeiro critério diz respeito aos gêneros textuais e, em sentido lato, às tradições discursivas em que os textos selecionados se inscrevem (KABATEK, 2012). Dessa forma, priorizaram-se os gêneros e as tradições que apresentam, na sua teia constitutiva, a narratividade e/ou argumentatividade, tendo em

⁵ O material que compõe o corpus foi retirado de três bases eletrônicas: BIT – Banco Informatizado de textos do PROHPOR – Programa para a História do Português: www.prohpor.org/#!bit-prohpor/c8lv; CDP - Corpus Diacrônico do Português www.cdp.ibilce.unesp.br/corpus.php e Projeto Iboruna: <http://www.iboruna.ibilce.unesp.br/interna.php?Link=corpo.php&zcorpo=36>

vista o carter coesivo e argumentativo do domnio da conexo de oraes (ILARI, 1996), objeto deste trabalho.

O segundo critrio refere-se ao rigor no controle da quantidade de palavras de cada texto, obedecendo ao recorte de 5500 palavras. Ademais, h correspondncia quantitativa tambm nas demais dimenses do *corpus*: cada sculo e representado por um total de 11000 palavras, e cada sincronia, de 33000, com exceo da sincronia representada pelo sculo XXI, que apresenta um total de 31000 palavras.

Alm das oraes causais com *porque*, coletaram-se, nas diferentes sincronias, todas as construes complexas com conectores causais, cujo modo de articulao se dispusesse, consoante *continuum* de Hoper e Traugott (1993, p. 170), entre a parataxe e a hipotaxe. Essa deciso metodolgica se justifica pela necessidade de aferio da freqncia das *oraes porque* e de compreenso das alteraes diacrnicas observadas nos usos dessas oraes, o que s e possvel pela comparao a outras variantes. A tabela abaixo, tomando como referncia o conector que encabea a orao causal, mostra o panorama quantitativo dos dados encontrados no *corpus*:

Tabela 1. Distribuio dos dados por sincronia

CONECTOR	SINCRONIA								TOTAL
	Português Arcaico	%	Português Moderno	%	Português Contemporâneo I (Escrita)	%	Português Contemporâneo II (Fala)	%	
porque	94	37	89	55	80	40	164	72	427
ca	126	50	–	–	–	–	–	–	126
pois	14	5	25	15	78	39	–	–	117
que	1	0,5	9	6	2	1	44	19	56
como	1	0,5	25	15	28	14	2	0,5	55
porquanto	9	3	6	4	4	2	–	–	19
por causa que	–	–	–	–	–	–	18	8	18
pois que	10	4	3	2	–	–	–	–	13
já que	–	–	3	2	2	1	1	0,5	6
visto que	–	–	–	–	3	3	–	–	3
posto que	–	–	2	1	–	–	–	–	3
TOTAL	255	100	162	100	197	100	229	100	843

Os critérios para a análise da dimensão semântico-pragmática

Apesar da diversidade de abordagens e rótulos⁶, é possível dizer que, de modo geral, as relações de causa são reconhecidas em duas categorias, resultantes dos dois modos com que o falante pode operá-las: evidenciando-as ou explorando-as (PAIVA, 1991, p. 19). Assim, de um lado, estão as relações causais que constituem representações, no plano linguístico, da causalidade no mundo: nesse caso, o falante *evidencia* uma relação de causa. De outro lado, encontram-se as relações causais que, mais ou menos baseadas na causalidade no mundo real, são, no plano linguístico, menos icônicas, no sentido de que são operadas na mente ou no discurso *on-line* do falante: nesse caso, o falante *explora* uma relação de causa.

Diante da variedade de rótulos utilizados para nomear as nuances de causalidade e das implicações teóricas que carregam, faz-se necessário, portanto, definir as escolhas teóricas e, por conseguinte, terminológicas da presente investigação. Desse modo, para a descrição semântico-pragmática das construções causais, este artigo opta, essencialmente, pela proposta de Sweetser (1990, 76-86), que define os domínios nos quais a causalidade pode se manifestar – referencial (relações entre estados de coisas), epistêmico (relações entre proposições) e conversacional (relações entre atos de fala). Acrescenta-se, ainda, à maneira de Braga e Paiva (2010, p.58), o domínio discursivo, em que estão relações causais mais pragmatizadas que as do domínio conversacional. Ademais, adota-se o modelo de análise de Lopes (2012), que dá um tratamento dicotômico – mas não estanque⁷ – às nuances de causalidade: a relação estabelecida no domínio referencial refere-se à causalidade do enunciado (objetiva), enquanto às demais representam a causalidade da anunciação (subjativa).

⁶ Para uma análise pormenorizada sobre a natureza e as abordagens da causalidade, consultar Amorim (2016).

⁷ A *dicotomização* das relações causais, neste trabalho, não visa a apresentar uma categorização estanque, mas a depender do caráter da análise, relações próximas sob dois rótulos que remetem à questão da evidenciação ou exploração do elo causal (PAIVA, 1991, p. 19), conforme já assinalado.

O quadro a seguir, reunindo aspectos formais e discursivos como indcios para a caracterizao dos domnios, apresenta uma operacionalizao metodolgica para a anlise semntico-pragmtica das construes causais.

QUADRO 1. Indcios formais e discursivos para identificao dos domnios de causalidade (SWEETSER, 1990)

DOMNIOS	INDCIOS	
	Formais	Discursivos
Referencial	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Verbos de ao-processo (“tossir”, “queimar”; “nascer”); existenciais (“haver”; “existir”; “ter”) e volitivos (“querer”; “pretender”; “decidir”); ✓ Correlao modo-temporal pretérito/pretérito; presente/presente; sem pausa entoacional. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ <i>p</i> porque <i>q</i> (estado de coisas + estado de coisas); ✓ a relao entre <i>p</i> e <i>q</i> geralmente obedece a uma seqncia temporal; ✓ <i>p</i> é um efeito possvel ou necessrio da ocorrncia de <i>p</i>.
Epistmico	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Verbos cognitivos (“ver”; “perceber”) e avaliativos (“crer”; “convir”); ✓ verbos e expresses modalizadas (“pode”, “tem que”, “provavelmente”); ✓ elementos lexicais com valor avaliativo: (“bom”; “importante”); ✓ pausa entoacional (geralmente vrgula). 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Deduzo/infiro/acho <i>p</i>, porque <i>q</i> (contedo proposicional + estado de coisas); ✓ <i>p</i> porque deduzo/infiro/acho <i>q</i> (estado de coisas + contedo proposicional) ✓ a relao entre <i>p</i> e <i>q</i> é possvel; ✓ <i>q</i> ou <i>q</i>, como contedos proposicionais, pode representar uma inferncia ou uma predicao avaliativa.
Conversacional	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Verbos de elocuo/performativos (“referir”; “ameaar”); ✓ imperativo (“estude”; “corra”); ✓ pausa entoacional bem marcada (vrgula ou ponto). 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Prometo/peo/pergunto <i>q</i> porque <i>q</i> (ato de fala+estado de coisas; ato de fala + contedo proposicional); ✓ a relao entre <i>q</i> e <i>p</i> só existe no discurso “online” do enunciador.
Discursivo	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Pausa bem marcada; ✓ O conector, dada a pausa forte que o separa tanto do segmento causal quanto do segmento efeito, parece flutuar no esquema de juno. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ <i>p</i>. porque <i>q</i> ou <i>p</i>. porque. <i>q</i>, em que <i>q</i> representa uma porao textual longa de carter mais narrativo; ✓ A relao entre <i>p</i> e <i>q</i> é bastante opaca.

Os critérios para a análise da dimensão sintática

Na grande maioria das gramáticas tradicionais, como demonstra Amorim (2012, p.49-52), a abordagem da relação de causalidade está atrelada à dimensão sintática: as referências às noções de causa e explicação aparecem nas seções que tratam do estudo das conjunções e das orações. Essa perspectiva adota uma visão dicotômica e pareada entre *explicação e coordenação*, de um lado, e *causa e subordinação*, de outro. Tal visão, há muito, tem sido bastante questionada por estudos de diferentes vertentes da Linguística, que, além de denunciarem a carência de critérios adequados para sustentar o referido pareamento, refutam o tratamento dicotômico tanto para as noções semânticas de causa e explicação quanto para as noções sintáticas de coordenação e subordinação (VOGT, 1978; TRAVAGLIA, 1986; LOBO, 2001; LOPES, 2004)⁸.

Neste artigo, as estratégias de conexão de orações são descritas em um *continuum* no qual cada uma tem a sua posição definida pelo grau de integração sintática e de (inter)dependência semântico-discursiva, conforme modelo de Hopper e Traugott (1993, p. 170):

Parataxe > Hipotaxe > Subordinação

[- encaixamento] [- encaixamento] [+ encaixamento]

[- dependência] [+ dependência] [+ dependência]

Dessa maneira, a parataxe, ponto inicial do *continuum*, diz respeito às relações paritárias entre orações funcionalmente autônomas, enquanto a hipotaxe, por apresentar um grau intermediário de integração sintática, “consiste numa relação hierárquica, com nuclearidade e dependência, em que as orações têm estatutos diferentes” (LONGHIN-THOMAZI, 2013, p. 45). A subordinação, que ocupa a margem direita do *continuum*, refere-se às relações com o maior grau de dependência, revelado pelo encaixamento sintático das

⁸ Entretanto, a associação entre relações causais mais alargadas (“explicação”) e coordenação, bem como entre causa estrita e subordinação, não é totalmente incongruente (Cf. LOPES, 2004; BRAGA; PAIVA, 2010). Desse modo, o que deve representar alvo de questionamento é o caráter estanque com que a tradição descreve esse pareamento, bem como a carência de critérios adequados para descrevê-lo.

orações envolvidas na junção⁹. Diferentemente da proposta tradicional, que prevê uma oposição entre coordenação e subordinação, as noções de parataxe, hipotaxe e subordinação são consideradas graduais, reconhecendo-se que cada uma delas apresenta exemplares prototípicos e não prototípicos.

Da caracterização dessas três estratégias de articulação, apresentada em Hopper e Traugott (1993), subentende-se que o aspecto da *(inter)dependência* é definido com base na conjugação de critérios sintáticos, semântico-pragmáticos e prosódicos. Assim, visando à busca de critérios aferidores dessa *(inter)dependência* entre segmentos da junção causal, foram analisados diversos trabalhos sobre a sintaxe dos conectores/orações causais – Lobo (2001), Fiéis e Lobo (2008), Lopes (2004) etc. –, o que resultou na formulação do quadro a seguir:

Quadro 2. Propriedades sintático-discursivas para a descrição do estatuto sintático dos conectores causais

Propriedades sintático-discursivas	Parataxe	Hipotaxe
Flexibilidade Posicional	–	+
Coocorrência com coordenativo	–	+
Clivagem	–	+
Segmentação prosódica	+	–

As duas primeiras propriedades exibidas no quadro demonstram-se como as mais relevantes para a distinção entre parataxe e hipotaxe. As duas últimas, por sua vez, são indícios que, somados às propriedades anteriores, servem para definir os casos prototípicos de cada estratégia.

Destaca-se, por fim, que, para a descrição dos dados na sua dimensão sintática, as propriedades selecionadas não são assumidas como *testes*, conforme se observa na grande maioria dos trabalhos que tratam da sintaxe de orações, mas como **marcas empíricas**, que, a partir da frequência com que são identificadas, sustentam generalizações acerca do estatuto sintático das orações investigadas.

⁹ A coleta de dados desta pesquisa restringiu-se às orações causais com conectores que atuam nos domínios da parataxe e da hipotaxe, o que justifica a ausência de critérios para descrever a subordinação.

Assumir essa posição metodológica parece mais seguro que a opção da testagem, tão dependente da intuição do pesquisador e sujeita a idiosincrasias de diversos tipos, como a de norma estilística e social (tanto dos textos consultados quanto do próprio pesquisador no julgamento do que é ou não aceitável).

As análises

As orações causais introduzidas pelo conector *porque* correspondem a 51% (427/843) do total de dados desta pesquisa, como se verifica na Tabela 1 anteriormente apresentada. Vale destacar que a produtividade dessas orações tem sido amplamente atestada em diferentes sincronias do português (Cf. BARRETO, 1999; BRAGA; PAIVA, 2011; LOPES, 2004; AMORIM, 2012).

A gramaticalização do conector *porque*, consoante Barreto (1999), resulta da reanálise por meio da qual a construção “preposição *por* + pronome relativo *que*”, com sentido de “por que (motivo)” ou “pelo qual/pela qual”¹⁰, é reinterpretada como um item locucional, para servir à expressão de relações causais (BARRETO, 1999, p. 318). Sobre esse processo, aventa-se a hipótese de que o seu gatilho primário tenha sido a semanticização pela qual a foricidade de “por que”¹¹ se perde, dando lugar à noção de causa. Tal gatilho, por sua vez, teria sido disparado pela assimilação dos usos causal e final¹² de *por*, bastante frequentes no português arcaico (SAID ALI, 1971, p. 222).

¹⁰ É importante lembrar que permanece na língua, mormente em usos da enunciação escrita, a forma *por que* no sentido que teria dado origem à forma gramaticalizada *porque*. Contudo, o estágio da divergência, isto é, a convivência entre usos mais e menos gramaticalizados (HOPPER, 1991), parece superado, uma vez que são notadamente escassos o uso fonte de *porque* correspondente a *pelo qual* e flexões.

¹¹ No *corpus* deste trabalho, *porque*, na indicação de causa, ocorre sob as variantes *por que*, *perque* e *per que*.

¹² Além do emprego como conector causal, Barreto (1999) mostra que, do século XIII ao XVI, *porque* tem usos indicando finalidade. Casos dessa natureza também são identificados no *corpus* desta pesquisa e, confirmando o que afirma Said Ali (1971, p. 222), são marcados pela presença de verbo da oração hipotática no subjuntivo: *Outrosi quando o quisero temptar os judeos que lhy demandará se dariã a Cesar seu tributo e seu peyto, porque el dissesse ca non o podessẽ reprehender...* (FR, XIII). [Além disso, quando os judeus quiseram tentá-lo, perguntando-lhe se daria o tributo e a multa a Cesar, a fim de que ele dissesse que não o pudesse reprender...]

Com isso, a noção de causa, já semanticizada na preposição *por*, é estendida, via metonímia, ao relativo *que*, nos casos em que essas formas compunham a construção *por que* (*pelo qual* e flexões), desbotando o seu sentido anafórico. Assim, dadas as condições de semanticização, *por + que* é reanalisado como um conector simples, fazendo emergir mais uma forma no inventário de conectores causais do português.

Na história do português, os usos das *orações porque* se distribuem nos diferentes domínios de causalidade, conforme ilustra o exemplário a seguir:

I. *Domínio referencial*

(4) Depois de colhidos, cortam esta planta, **PORQUE** nam frutifica mais que a primeira vez. (HSC, XVI) [*Depois de colhidos (os frutos), cortam esta planta, porque frutifica uma única vez.*]

(5) A gente tava cansado **PORQUE** nós ficamo(s) o dia inte(i)ro no parque.. (RE, XXI)

II. *Domínio epistêmico*

(6) E tal tratado me parece que principalmente deve perteeecer pera homeẽs da corte que algũa cousa saibbam de semelhante sciencia e desejem viver virtuosamente, **POR QUE** aos outros bem penso que nom muito lhes praza de o leer nem ouvir. (LC, XV) [*Parece-me que tal tratado deve se destinar principalmente aos homens da corte que saibam alguma coisa sobre esta ciência e desejem viver virtuosamente, porque bem penso que aos outros não muito lhes agrada de o ler nem ouvir.*]

(7) Deplora-se ha muitos annos o abuso de excessivas despezas, e com razão, **PORQUE** em verdade são espantosas as irregularidades que se commettem (RNG, XIX)

III. *Domínio conversacional*

(8) & se neste meo tẽpo não tomarem a cidade, despendamos ha hi tudo o q tiuermos pera comer, PORQ nos não cõuẽ estar mais aqui... (HA, XVII) [E, se nesse meio tempo não tomarem a cidade, consumamos, então, tudo o que tivermos para comer, porque não mais nos convém estar aqui.]

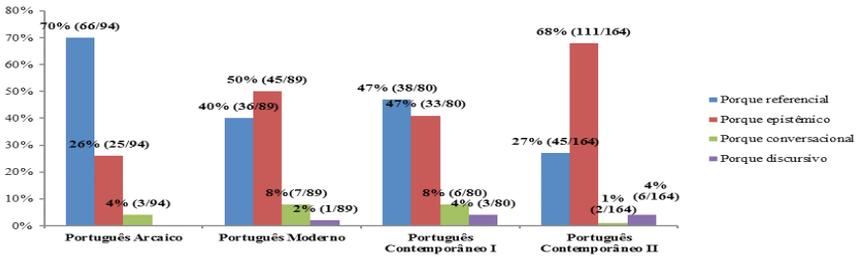
(9) – “cê qué(r) passá(r) o que eu passei... **PORQUE** nesses lugar cê só vai arrumá(r)... marido que te ba::te... (RE, XXI)

IV. *Domínio discursivo*

(10) não era muito tempo, deveria estar faltando mais ou menos 30 min para acabar, mas foram os piores de minha vida, **PORQUÊ** logo assim que eu comecei a mexer eu lembrei que não era aquele equipamento em que eu estava acostumado, então tirei o fone e virei para trás para pedir alguns conselhos, nisso que eu virei eu não vi os garotos que estavam ali perto, conclusão a música já estava acabando e eu não sabia o que fazer. (D&G, XX)

(11) a polícia chegô(u)... e a polícia sempre chega a hora que acaba a briga... [Doc.: é] ((risos)) nunca chega quando tá matan(d)o depois que MORREU que chega né?... e a briga é uma coisa então acabô(u)...só que aí foi interessante **PORQUE** é uma coisa assim... minha mãe ela sempre teve DÓ do meu pai... por mais que essas coisa que ele faz essas... assim... irresponsabilida::de essas maldade aí só que ela sempre teve dó... por exemplo quando ele... ficava sumido assim que demorava pa chegá(r) ela ia atrás sabe? ela tinha dó de chamá(r) a polícia aquelas coisa toda... o que que aconteceu?.. (RE, XXI)

O gráfico a seguir permite visualizar, diacronicamente, a frequência de uso de cada subtipo causal expresso pelas *orações porque*:

GRÁFICO 1. Diacronia dos usos das *orações porque*

É significativa, no português arcaico, a frequência de uso das *orações porque* na expressão de relações causais objetivas (domínio referencial), o que pode ser explicado pela existência, no período, das orações introduzidas pelo conector *ca*, especializadas na indicação da causalidade subjetiva, havendo, assim, uma clara divisão de tarefas no domínio da junção causal (Cf. AMORIM, 2016, p. 117).

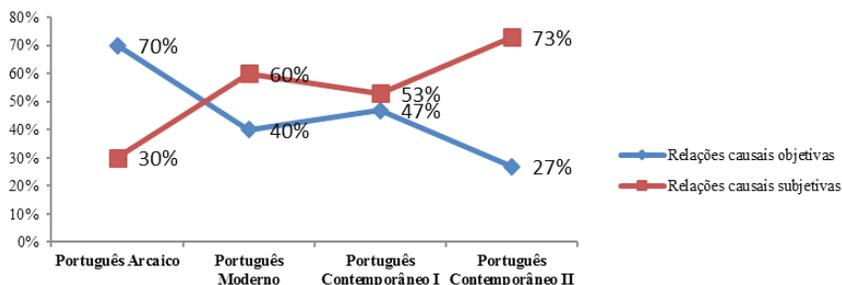
No português moderno, as *orações porque* apresentam caráter ambíguo, sendo empregadas, com frequências bastante equivalentes, na expressão de relações causais objetivas e subjetivas, comportamento que se mantém ao longo do português contemporâneo escrito. Tal ambiguidade atrela-se ao completo desuso de *ca*, a partir do século XVI, fenômeno que motiva, portanto, um maior recrutamento das *orações porque* para contextos mais subjetivos, antes mormente ocupados pelas *orações ca* (MATTOS e SILVA, 1989, p. 690).

Nas amostras de fala, ao contrário do que se verifica no período arcaico, as *orações porque* especializam-se na expressão de relações causais subjetivas. Essa observação permite argumentar em favor da hipótese de *(inter)subjetivização* do conector *porque*.

Segundo Traugott (2010, p. 35), a *(inter)subjetivização* é um processo diacrônico pelo qual uma forma linguística tem sentidos cada vez mais subjetivizados em virtude da semanticização de inferências pragmáticas. Assim, para uma visualização mais clara da crescente subjetivização dos usos do conector *porque*, apresenta-se uma reorganização dos resultados exibidos no Gráfico 1, com base na proposta de Lopes (2012, p. 453), que, conforme assinalado, propõe duas categorias para a classificação das relações causais:

a da causalidade do enunciado (referencial), aqui tratada como objetiva, e a da causalidade da enunciação (epistêmica, conversacional e discursiva), aqui referida como subjetiva. O gráfico a seguir exibe os resultados dessa reorganização:

GRÁFICO 2: Tipos de relações causais estabelecidas pelas *orações porque* em diacronia



O percurso das linhas, no gráfico, corrobora a hipótese de que a gramaticalização do conector *porque*, no português, é acompanhada da (inter)subjetivização: o fato de a grande maioria dos casos de *porque*, nas amostras de língua falada do português contemporâneo, indicar relações causais subjetivas, ao contrário do que se verifica nos seus usos mais antigos, representa o resultado de um processo diacrônico por meio do qual significados baseados em atitudes epistêmicas e interativas do falante passam a fazer parte da estrutura semântica de uma forma linguística (TRAUGOTT, 2010, p. 35).

Vale destacar, ainda, que, em seus usos no português contemporâneo escrito e falado, registra-se um aumento nos casos em que as *orações porque* tem uso mais discursivo, atuando, assim, em um nível acima da sentença. Essa constatação indicia, levando-se também em consideração o aumento, já no português moderno, dos seus empregos conversacionais, uma trajetória rumo à aquisição de valores intersubjetivos, seguindo, portanto, o *continuum* proposto por Traugott (2010, p. 34):

[- subjetividade] ⇨ [subjetividade] ⇨ [intersubjetividade]

Quanto ao estatuto sinttico das *oraes porque*, as descries, mesmo as mais tradicionais, costumam reconhecer que a sua ambiguidade semntico-pragmtica se reflete no seu comportamento sinttico. Dessa forma, na tradio, a *orao porque* costuma ser abordada ora como coordenada, quando atua na expresso da *explicao*, ora como subordinada, quando indica relaes estritamente causais.

Em Fiéis e Lobo (2008, p. 8), encontram-se consideraes diacrnicas a respeito do estatuto sinttico de *porque*: para as autoras, do portugus arcaico ao portugus contemporneo, no se verificam mudanas no estatuto sinttico desse conector, que introduz as chamadas oraes *subordinadas adverbiais integradas*, aqui interpretadas como oraes prototipicamente hipotticas.

A atribuio do carter mais hipottico s *oraes porque* respalda-se, portanto, no fato de elas, diacronicamente, apresentarem as mesmas propriedades sinttico-discursivas, reveladoras do trao [+ interdependncia], visto que podem integrar cadeias de coordenao (*elmas porque...*), sofrer clivagem e se anteporem a orao nuclear (FIÉIS; LOBO, 2008, p. 8). Lopes (2004, p. 107) tambm corrobora o estatuto hipottico das *oraes porque*, argumentando que, dependendo da relao que expressa, essas oraes podem ser hipotticas *integradas*, quando exprime causalidade objetiva, ou hipotticas *perifricas*, quando indicam relaes causais mais alargadas.

No *corpus* deste trabalho, ao longo das sincronias investigadas, as *oraes porque* apresentam as seguintes propriedades sinttico-discursivas:

TABELA 2. Propriedades sinttico-discursivas de *porque*.

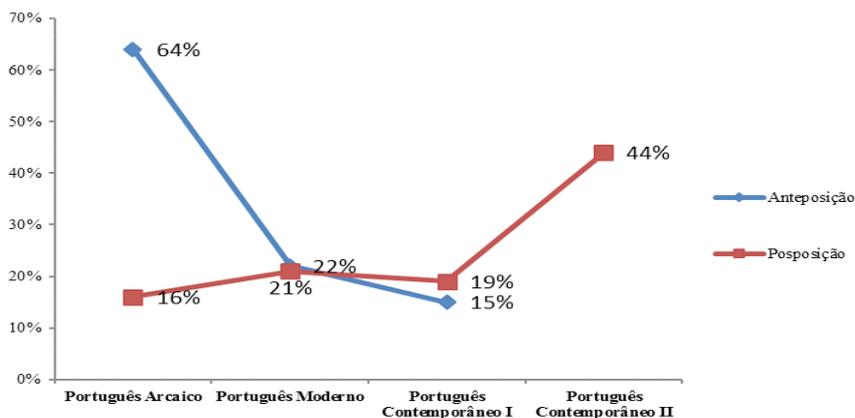
	Padro Prosodico			Posio		Coocorrncia de coordenativo		Clivagem	
	Sem pausa	Pausa leve	Pausa forte	Anteposio	Posposio	Sim	No	Sim	No
porque (427)	34% (149)	41% (178)	23% (100)	13% (55)	87% (372)	12% (50)	88% (377)	3% (417)	97% (10)

Os resultados da Tabela 2 se aproximam daqueles apontados por Fiéis e Lobo (2008, p. 8): as *orações porque* admitem a anteposição, podem ser introduzidas por um coordenativo – e, por conseguinte, fazer parte de uma cadeia coordenativa – e figurar numa estrutura clivada (bem como ser focalizadas por meio de outras estratégias). Tais propriedades atestam, portanto, o seu estatuto prototipicamente hipotático.

A propriedade do padrão prosódico, por sua vez, reflete, com mais clareza, a ambiguidade dos usos dessas orações (Cf. VOGT, 1978; LOPES, 2004): são expressivas as ocorrências em que aparecem tanto como uma unidade discursiva relativamente autônoma – padrão que reflete relações causais subjetivas – quanto como uma unidade integrada à oração nuclear, compondo uma única sentença – padrão mais representativo da causalidade referencial.

Em relação à flexibilidade posicional das *orações porque*, as análises mostram uma mudança diacrônica, fenômeno que se atrela à sua (inter)subjetivização. No português arcaico, a anteposição das *orações porque* em relação à oração nuclear representa a ordenação não marcada das construções complexas causais, padrão que se torna raro, na sua evolução, perdendo-se, completamente, no português contemporâneo falado:

GRÁFICO 3. Distribuição do padrão posicional de *orações porque* em diacronia



Os exemplos a seguir, retirados de textos do período arcaico, além de exibirem a anteposição da *oração porque*, apresentam relações causais estabelecidas no domínio referencial, isto é, relações entre predicções, caracterizadas como estados de coisas.

(12) Assi se partiu rei Mars dali e leixou o menão pendurado na árvor. Mais Deus, que houve grã piedade del e **PORQUE** nom havia que veer na maldade de seu padre, pensou dele... (DSG, XIII)

[*Então, partiu rei Mars dali e deixou o menino pendurado na árvore. Mas Deus, que dele teve grande piedade, e porque (esse menino) não tinha a ver com a maldade do seu pai, cuidou dele.*]

(13) E **PORQUE** era ja gram peça do dia andada começaram-se de queyxar. (FLOS, XIV)

[*E porque já haviam andado por grande parte do dia, começaram a se queixar.*]

No português arcaico, período em que 70% (66/94) das *oraçõesporque* são preferencialmente empregadas para a expressão de relações causais referenciais, não parece arbitrário o fato de a anteposição representar a ordem não marcada. Trata-se, portanto, de um *pareamento de forma e função*: a expressão de relações causais objetivas, perceptualmente icônicas (Cf. NOORDMAN; BLIJZER, 2000, p. 37), alinha-se, no nível da codificação linguística, à construção *porque q, p*, sintagmaticamente icônica, já que obedece à sequencialidade *causa-efeito* observada no mundo.

Por outro lado, no português contemporâneo falado, como mostra o Gráfico 3 acima, não se verificam ocorrências de *orações porque* antepostas. Nessa sincronia, ao contrário do que se observa no português arcaico, os usos dessas orações são notadamente subjetivos, representando 72% (119/164) das ocorrências encontradas no período. Seguindo Traugott (2007, p. 300), que demonstra haver implicações entre o processo de intersubjetivização e a ordenação de orações, infere-se que, novamente, um pareamento de forma e função manifesta-se nas construções causais com *porque*: tornando-se subjetivas, as *oraçõesporque* tendem a se fixar na margem direita do enuncia-

do, uma vez que um segmento causal subjetivo, ao codificar, por exemplo, uma justificativa para uma crença ou ato de fala, resiste à anteposição (Cf. BRAGA, PAIVA, 2010).

Conclusões

O estudo diacrônico das orações causais com *porque* aponta para permanências e mudanças na sua forma e função. A principal mudança observada diz respeito ao seu crescente emprego na expressão de relações causais subjetivas em detrimento do seu emprego na indicação de relações causais referenciais, confirmando, assim, uma trajetória de (inter)subjetivização. Quanto à permanência, verifica-se que o seu estatuto sintático se mantém (prototipicamente) hipotático ao longo das sincronias investigadas.

No entanto, tal permanência deve ser relativizada com base na constatação da perda de flexibilidade posicional das *orações porque*, propriedade bastante cara à hipotaxe: no *corpus* deste trabalho, essas orações são categoricamente pospostas na sincronia atual. Dessa forma, a perda de flexibilidade posicional parece resultar da (inter)subjetivização por que passa as orações em questão, o que estaria, por conseguinte, atribuindo-lhe um padrão paratático¹³.

Observa-se, por fim, a pertinência do modelo de análise aqui adotado, que, considerando paralelamente *forma* e *função*, garante resultados que, sob o viés só de uma ou outra dimensão, seriam inviabilizados.

Referências

AMORIM, F. S. *Construções causais com por causa que: um caso de gramaticalização*. 2012. 118f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura). Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

_____. *Gramaticalização de conectores causais na história do português*. 2016. 212 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2016.

¹³ Nesse caso, a trajetória de mudança infringe a unidirecionalidade proposta para a gramaticalização de orações: *parataxe > hipotaxe > subordinação* (HOPPER; TRAUGOTT, 1993).

BARRETO, Therezinha. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. 1999. 636 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística), Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BRAGA, M. L.; PAIVA, M. C. A. Cláusulas causais introduzidas por porque: da sintaxe ao discurso. In: MOLLICA, Maria Cecília. (Org.). *Usos da linguagem e sua relação com a mente humana*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, v. 1, 2010. p. 55-71.

_____. Gramaticalização e gramática de construções: estabilidade e instabilidade das construções complexas de causa em tempo real. *Letras & Letras*, v. 27: 51-70, 2011.

DUCROT, O. *Dizer e não dizer*. Princípios de semântica linguística. São Paulo: Cultrix, 1977.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 17-35.

_____. TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University, 1993.

ILARI, R. *Um roteiro funcional para o estudo das conjunções*. Mimeo, 1996.

KABATEK, J. Tradição discursiva e gênero. In: LOBO *et al*(Org.). *ROSAE: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 579-588.

LOBO, M. *Aspectos da sintaxe das orações adverbiais do português*. 2003. 429f. Tese (Doutorado em Linguística). CLUL, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2003.

LONGHIN-THOMAZI, S. R. O modo paratático da junção: considerações sobre o pareamento entre forma e significado. In: RODRIGUES, V.V. (org). *Gramaticalização, combinação de cláusulas e conectores*. UFRJ: Rio de Janeiro, 2013.

LOPES, A. C. M. Contributos para uma análise semântico-pragmática das causais de enunciação no português europeu contemporâneo. *Alfa*, 56 (2): 451-468, São Paulo, 2012.

LOPES, M. H. C. C. *Aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos das construções causais*: contributo para uma reflexão sobre o ensino da gramática. 2004. Tese (Doutorado em Ciências da Linguagem). Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Portugal, 2004.

MARTELOTTA, M. E. *Mudança linguística*: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011. p. 91-123.

MATTOS E SILVA; R. V. *Estruturas trecentistas*: elementos para uma gramática do português arcaico. Lisboa: IN/CM, 1989.

NEVES, M. H.; BRAGA, M. L. As Construções Hipotáticas/Adverbiais. In: NEVES, M. H. M.. (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. A construção das orações complexas. São Paulo: Contexto, 2016.

NOORDMAN, L.; BLIJZER, F. On the processing of causal relations. IN: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B.(eds). *Cause, condition, concession, contrast*:cognitive and discourse perspectives. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000, p. 35-56.

PAIVA, M. C. *Ordenação de cláusulas causais*:forma e função. 1991. 232 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.

PANDER MAAT, H.; SANDERS, T. Domains of use or subjectivity? The distribution of three Dutch causal connectives explained. In: COUPER-KULHEN, E.; KORTMANN,B. (Ed.). *Cause, condition, concession and contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000. p. 57-82.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 7ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

SWEETSER, E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. New York: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, E. C. *The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization*. Manchester: Stanford University, 1995.

_____. (Inter)subjectification and unidirectionality. *Journal of Historical Pragmatics*, 8(2): 295-309, Amsterdam, 2007.

_____. (Inter) subjectivity and (inter)subjectification: a reassessment. In: DAVIDSE et al (Eds.). Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization. *Topics in English Linguistics*.Mouton De Gruyter, Berlin, 2010. p. 29–71.

TRAVAGLIA, L. C. Da distinção entre orações coordenadas explicativas e orações subordinadas adverbiais causais: uma questão sintática, semântica ou pragmática? *Letras & Letras*, 2 (2): 241-286, Uberlândia, 1986.

VOGT, C. Indicações para uma análise semântico-argumentativa das conjunções *porque*, *pois* e *já que*. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 1: 35-50, Campinas, 1978.

PORQUE CLAUSES: FORM, FUNCTION AND DIACHRONY

ABSTRACT

This paper probes into the Portuguese causal constructions with *porque* (because) under the Used-Based Linguistics. They are described both semantic-pragmatically and syntactically from a diachronic approach, thus considering a pairing of form and function.

KEYWORDS: clauses; *porque*; diachrony.